

*F*rancisco  
*C*ândido *X*avier

*J*air *P*resente

REVELAÇÃO

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



*[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)*

**REVELAÇÃO**

**FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER  
JAIR PRESENTE**

# ÍNDICE

REGENERAÇÃO.....	3
LUTA DE UM PAI.....	6
PERDÃO.....	9
CÓLERA.....	10
DEFINIÇÃO.....	14
CARNAVAL.....	15
AVAREZA.....	20
ATEUS.....	22
EM DEFESA DOIS ANIMAIS.....	23
MOLEZA.....	27
MISERICÓRDIA E FÉ.....	29
PERDÃO E VIDA.....	32
PARABÉNS AUGUSTO.....	35
REENCARNAÇÃO E VIDA.....	35
DIRETRIZ.....	38

# REGENERAÇÃO

**Jair Presente**

Pelo médium possuído,  
Disse, o rude obsessor;  
Por favor, ninguém me fale  
Em perdão, bondade e amor.

Se roubaram minhas terras  
Quebrando normas de lei,  
Conheço meus inimigos,  
Bem os conheço, bem sei...

Toda terra desta vila  
É minha propriedade,  
Pela força do progresso  
Ei-la virando cidade...

Vários ladrões se reuniram,  
Tudo de caso pensado,  
E usando papéis de fraude  
Puseram-me derrotado.

Firmina minha mulher,  
Morreu de tanto desgosto.  
Ela deve estar no Céu  
E estou firme no meu posto.

Deixei meus dois pequeninos,  
Com nossa Tia Constança,  
E aqui continuo agindo  
Em meus planos de vingança.

Falou o doutrinador:  
Meu irmão, perdoa e esquece;  
No caminho do perdão,  
O ódio desaparece.

O obsessor prosseguiu  
Dizendo frases insanas,  
Dando incômodos ao grupo  
Por quatro longas semanas.

Mas noutra rua existia  
Um espírita nobre e genuíno,  
Pedreiro de vida simples  
Chamado irmão Bernardino.

Ele foi solicitado  
A ajudar o vingador;  
Sob tensão veio ao grupo,  
E orou com grande fervor.

Diante do obsessor,  
Exclamou: meu caro irmão,  
Soube aqui que a sua paz  
Depende do seu perdão.

Ante a pequena assembléia  
Da sessão de amor e luz,  
Pedi ao pobre rebelde,  
Que recordasse Jesus!...

O obsessor em gestos rudes,  
Parecia sem lugar,  
E com o assombro de todos,  
O pobre pôs-se a chorar.

Bernardino compungido  
Dava-lhe paz e esperança,  
Entretanto, o vingador,  
Chorava sem confiança.

Depois gritou: Deus me livre  
Deste ódio que não sai.  
Bernardino, meu amigo,  
Vem a mim! Eu sou seu pai!...

## LUTA DE UM PAI

**Jair Presente**

O Coronel Minervino  
Era rico fazendeiro,  
Segundo a fala do povo  
Guardava muito dinheiro.

Ao perder a esposa morta,  
Dona Libânia Maria,  
Caiu em doença grave  
Entrando em paralisia.

A clamar e a lamentar-se  
Sozinho num casarão,  
Tomou por filho adotivo  
O órfão Sebastião.

O menino que era pobre,  
Mas, pobre a mais não poder,  
Não mostrava a inclinação  
De servir e obedecer.

Na escola era mau aluno,  
Preguiçoso e respondão,  
Quase todos os colegas  
Tinham medo do Tião.

O Coronel evitava  
Falar-lhe em renúncia e paz,  
Queria encontrar no filho  
Um atleta forte e capaz.

Muito em breve fez-se moço  
Bonitão e gastador.  
Usava as notas do pai  
Como papéis sem valor.

Não aceitava conselhos  
De estudar ou de parar,  
Tinha ele um pai tão rico  
Para que se incomodar?

Mas ninguém foge a mudanças  
Que aparecem ano a ano;  
O Coronel via no filho  
O seu pior desengano.

Estava pobre e doente  
Pagando agora os juros  
Das quantias emprestadas  
Para resgates futuros.

Piorando, piorando...  
Nada mais tinha de seu...  
Numa noite triste e fria  
O Coronel faleceu.

Tião chorou, mas, lembrou-se  
Dos seus tempos de criança;  
De certo receberia  
Do pai morto grande herança.

No outro dia, forte e ansioso  
Mantendo o seu sonho inglório,  
Foi chamado para ajustes  
Registrados num cartório.

O escrivão plantonista  
Informou-o, num momento,  
Que o pai morto não deixara  
O mínimo testamento.

Deixou uma carta apenas  
Com cuidado e distinção,  
Documento dirigido  
Ao filho Sebastião.

O rapaz abriu-a logo,  
Era algum informe enfim...  
Quem sabe maneava herança?  
A carta dizia assim:

“Tião, Terminaram agora  
Meus dias atribulados,  
Todos os bens que me restam  
Estão hoje hipotecados.

Não lhe deixo herança alguma,  
Estou pobre e sem valia,  
Meu filho tudo lhe dei  
E agora chegou meu dia...

Nada mais tenho a lhe dar  
Mas se você quer dinheiro,  
Muito dinheiro a gastar,  
Busque o bem fazendo amigos  
E comece a trabalhar.”

# PERDÃO

**Jair Presente**

Perdão é luz no caminho  
Que restaura e regenera.  
Alma nobre que perdoa,  
Se doente ou atormentada,  
Pela fé se recupera.

Depressões, crises, angústias,  
Desilusão e tristeza  
Rogam a paz do perdão,  
Encontrando segurança  
E a benção da fortaleza.

O coração revoltado  
É doente grave ou louco,  
Buscando amor e esperança,  
Já que pode renovar-se  
Perdoando, pouco a pouco.

# CÓLERA

**Jair Presente**

O Coronel João Conrado,  
Solteiro mas setentão,  
Amontoava dinheiro  
Com verdadeira paixão.

A morte levara o pai  
Para as surpresas do além;  
Morava com mãe e irmã,  
Não queria mais ninguém.

Companheiros lhe diziam:  
- Conrado, no que te sobre  
Medita nas desventuras  
Do chamado irmão mais pobre...

No entanto ele respondia:  
- Para mim a Caridade  
É mentira em muita gente  
É capa de falsidade.

Certa manhã, um menino,  
Tremendo ao frio que corta,  
Subiu a escada de acesso  
E, inquieto, lhe bate à porta.

Ele ergueu-se, impaciente,  
Mostrando os olhos em brasa.  
E usando gestos violentos,  
Abriu a porta da casa.

- Mas, quem é? E o jovem disse:  
- Não se lembra? Eu sou Medeiros,  
Venho pedir ao senhor  
Dar-me os quarenta cruzeiros...

- Por que isso? – Diz Conrado –  
Seu pedido é um disparate...  
Clama o pequeno: - Estou certo,  
Por que sou seu engraxate.

- Limpei-lhe oito sapatos,  
A cinco cruzeiros cada,  
Oito vezes cinco vezes  
São minha conta esperada.

- Trabalho com meus amigos  
Na pracinha, aqui em frente,  
Desculpe se lhe aborreço...  
Minha mãe está doente.

- O senhor vai me entender  
E sei que vai perdoar-me...  
Preciso de meu dinheiro...  
Peço ao senhor sem alarme...

Conrado vociferou:  
- Você parece intrujão...  
Não vou dar-lhe meu dinheiro,  
Nem lhe dou satisfação!...

De olhar triste e lacrimoso,  
Misturando espanto e dor,  
O garoto reiterou:  
- Tenho mãe com muito amor...

Gritou Conrado, raivoso:  
- Você vai me conhecer,  
Vou contar-lhe numa sova,  
Tudo o que vai receber.

Vendo-lhe o punho cerrado  
E prevendo o que viria,  
O menino pensa em surra  
E se põe em correria...

Conrado também correu  
Para esmurrá-lo, a preceito,  
Cobriu-se de um paletó  
E seguiu insatisfeito .

Entretanto, viu-se, às pressas,  
De força debilitada  
E caiu sem atenção,  
Logo, no início da escada.

Rolou degraus, em alguns metros,  
De maneira estonteada,  
E ergueu-se, à feição de louco,  
Fronte suja e ensangüentada.

Conduzido a tratamento,  
Escolhendo o que fazia,  
O sangue se lhe escoava  
Numa forte hemorragia.

O sangue por vários pontos  
Aumentava hemorragias  
E embora muitos cuidados,

Faleceu em cinco dias.

Morreu recordando a queda  
Maldizendo os trambolhões...  
Não pagou alguns cruzeiros,  
Mas, para encontrar a morte,  
Pagou quarenta milhões.

## DEFINIÇÃO

**Jair Presente**

Todos recebem na vida  
Luz ou treva, mal ou bem.  
A justiça é qual o Sol,  
Não executa a ninguém.

# CARNAVAL

**Jair Presente**

Procurando distração,  
Fui, contente, ao carnaval!  
Muito ouvia em torno dele  
E quis vê-lo ao natural.

Apelei ao João Panca,  
Um prestimoso vizinho,  
Que não me deixasse a sós,  
Não queria estar sozinho.

João concordou comigo,  
Era sempre o companheiro...  
E lá nós fomos, os dois,  
Ao passeio, dia inteiro.

João falava na caridade,  
Mas a festa estava à espera;  
Era preciso seguir,  
Beneficência “já era”.

Já que falava em virtude,  
Chamei-o a ver Dona Bela,  
Que nos atirou um vaso,  
Pingando água amarela.

Conquanto desapontado,  
Visitamos Dona Aninha,  
Que nos jogou sobre o peito,  
Duas “jóias” de galinha.

João mostrava-se amargurado,  
E como alguém que se poupa,  
Regressou à própria casa,  
A fim de trocar de roupa.

Encontrei um grande praça,  
Léo, filho de Dona Esther;  
Ele pediu-me, alterado,  
Uma saia de mulher.

Todo amigo dava gritos,  
Nessa festa sem sentido,  
Afirmava Dona Clara,  
Ter a calça do marido.

Vi flautas e violões,  
Passando, em busca ao sem-fim,  
Muita gente me chamava,  
Ao lado dos tamborins.

Um homem que carregava,  
Dois chocalhos, uma vara,  
Não sei se foi por querer,  
Esmurrou-me a própria cara.

Carnaval representava,  
A festa do meu País,  
Por isso segui em frente,  
Tão forte quanto feliz.

Era justo conhecer  
Uma festa semelhante,  
Por isso aceitei sem mágoa,  
A agressão extravagante.

Fui buscar, querendo um grupo,  
O amigo Simão Veloz,  
Ele queria cantar,  
Mas “rurgia” junto a nós.

Meus amigos sempre muitos,  
Pareciam-me doentes,  
No entanto, não quis deixá-los,  
Ao vê-los irreverentes.

Venci diversos empeços  
E fui ao Tino da Chalaça,  
Ele, porém, nem me viu,  
Estirado na cachaça.

O povo todo dançava,  
E eu olhava sem remoque,  
Achava muito esquisita,  
A orquestra chamada Roque.

Um homem sério abriu alas,  
Era o melhor dos Nicolas,  
Lembrava antigo palhaço,  
Exibindo Cabriolas.

Perguntei a um guarda amigo,  
Que a ninguém queria mal,  
Só desejava saber,  
Se estava no carnaval.

Ele disse:  
Olhe as crianças,  
Todas dançam recordando

Nossas futuras mudanças.

Vi um par, a longos beijos,  
Na sombra de velho muro,  
Como a dizer que o amor,  
Só se revela no escuro.

Disse o amigo:

- Se o senhor quer demorar-se,  
Procurando amigos maus,  
Dê-me logo oitenta paus.

Dentre os quadros que anotei,  
Vi o mestre Manasses,  
Que dançava e requebrava,  
Da cabeça até os pés.

Um conflito sucedeu,  
Vendo a filha de Nereu  
Nos braços de outra pessoa,  
Genuíno enlouqueceu.

Achei-me desencantado.  
Eu que entrara reverente.  
A fim de largar o grupo  
Precisava ser valente.

Retornei a nossa casa  
Meditando, por sinal,  
Se o carnaval que assistira,  
Que seria? Bem ou Mal?

Pensei em meu pai distante,  
Minha mãe falou: - Na vida,

O carnaval é loucura,  
Doença desconhecida.

## AVAREZA

Jair Presente

Não soube de onde vinha.  
Seu nome – Tuca Tinteiro.  
Vendia tintas na rua  
E tinha muito dinheiro.

Dava conselhos aos pobres,  
Buscando escolher a quem,  
Mas do dinheiro no cofre,  
Não amparava ninguém.

- Seu Tuca – disse Ana Clara,  
Sou viúva de João Xisto.  
Tuca, porém replicava:  
- Não tenho nada com isto.

- Seu Tuca, preciso tempo,  
Rogava Dona Ziúra.  
No entanto, ei-lo que lhe arranca  
A máquina de costura.

- Seu Tuca, empreste-me cem...  
Pagarei quando voltar.  
- Diz Tuca: você falhando,  
É mais cem para acertar.

Tuca se via tristonho,  
Faltava-lhe um companheiro;  
Entretanto, era seu lema:  
Dinheiro, dinheiro e dinheiro.

Declarava-se usuário  
E dizia: - Quem não é?  
Sem dinheiro no meu bolso,  
Não tomo nem um café.

- Pobreza não é meu fraco,  
Detesto a vida na roça;  
Quero dinheiro comigo,  
Papel ou moeda grossa.

- O meu regime de vida  
É necessário a qualquer,  
Filosofia de todos  
Seja homem ou mulher.

E assim vivia Tinteiro...  
E a falar palavras feias  
Cobrava um simples tostão,  
Tomando terras alheias.

Num domingo, entre os amigos,  
Pitando e contando casos,  
Quando viu certa mulher,  
Falando-lhe em contas e prazos.

Ele ia responder  
Mas tombou com dor tão forte,  
Que a mulher veio abraçá-lo.  
Era ela a própria morte...

## ATEUS

**Jair Presente**

O bilionário dizia  
Que Deus é o ouro da mina,  
No entanto, ao ver-se leproso,  
Pedi a Bênção Divina.

Homem rico e gastador,  
Grande ateu entre ateus,  
Mas vendo o seu filho morto,  
Clamou chorando por Deus.

## EM DEFESA DOIS ANIMAIS

**Jair Presente**

No termo do ano passado,  
Tive um chamado ideal:  
Devia dar assistência  
Ao serviço do Natal.

Fiz preces, rogando a Deus  
Paz na menta, amor e luz,  
Sabendo que aquela data  
Era a festa de Jesus.

Comecei a trabalhar  
Testando-me a confiança...  
Que Deus me desse mais força,  
Mais apoio na esperança.

Fiquei, porém, desgostoso,  
Pois no Grande Feriado  
Só se falava da festa,  
Jesus não era lembrado.

Primeiro fui à Mansão  
Do meu amigo João Dias.  
Ele estava entusiasmado  
Comendo duas cotias.

Então fui ver Dona Eulália,  
Conhecida por Luloca.  
Ela e o marido traçavam  
Língua de boi com paçoca.

Fui ao encalço do pastor,  
Pregador “cara e coroa”.  
Ele estava em grande pressa,  
Temperando uma leitoa.

Encontrei, no galinheiro,  
Vasta frota de perus.  
Coitados, nenhum deles  
Quis falar sobre Jesus.

Recordei Dona Germana,  
Famosa em fazer angu.  
Germana e o filho trinchavam  
Lombo de porco e tutu.

Muito triste, procurei  
A casa de João Chichorro.  
No entanto, reví o amigo  
Comendo o próprio cachorro.

Fui no pouso da Donana,  
A caridade segura.  
Ela estava degustando  
Farofa com tanajura.

Parei na casa de Lauro  
Que vivia no descanso.  
Vi Cocota, a esposa dele,  
Cortando a goela de um ganso.

Vacilando, entrei no lar  
Do companheiro João Tato.  
O amigo se achava à mesa,  
Comendo carne de gato.

Procurei seguir em frente,  
Parei no Bar de Ciloca.  
Ela se achava “arrumando”  
Cinco quilos de minhoca.

Em seguida, busquei  
O sítio de Adão do Embalo.  
Dizendo ter muita fome,  
Comia o próprio cavalo.

Passei na casa de Antônio,  
O antigo dono dos tangos.  
João não dançava, comia,  
Só de uma vez cinco frangos.

Em total abatimento,  
Lembrei-me do Hevi da Cruz...  
Se visse tanta matança  
O que diria Jesus!

Em qualquer parte onde eu ia,  
Estavam potes de borco.  
Carnes de gado no abate,  
Carne cabra e de porco.

Por que, meu Deus, perguntei,  
Neste dia sem igual,  
Há tanta morte  
Sobre as horas do Natal?

O homem do dia-a-dia  
Matava só por prazer...  
O homem não acharia

Outra coisa pra comer?

As espécies de animais  
Recebem nos dias seus,  
A bondade e a proteção  
Que chegaram do amor de Deus.

Ante o Natal de Jesus,  
Guardando os princípios são,  
Comer carne, não tanto,  
Deus bendirá vossas mãos.

# MOLEZA

**Jair Presente**

O trabalho é lei da vida  
No lar, na Terra, no Mar...  
Tudo nos pede ao caminho  
Trabalhar e trabalhar.

Somos nós um grupo imenso  
Que Jesus guarda e comanda.  
Na estatística das horas  
Tudo move, tudo anda.

Entre nós, porém, existe  
Uma difícil doença;  
Essa moléstia é a moleza  
Que nasce da indiferença.

Muito difícil tratá-la,  
Porquanto surge na estrada,  
Quando menos a esperamos.  
Ei-la que nos paralisa

Nos impulsos em que estamos.  
Moleza não quer serviço,  
Moleza não quer estudo,  
Moleza não quer lição,  
Moleza não quer amor,  
Moleza não quer exame,  
Moleza não quer apoio,  
Moleza não deseja obrigação,  
Moleza não quer vizinho,  
Moleza não quer asseio,

Moleza não quer espinho,  
Moleza não quer saber,  
Moleza não quer pedras no caminho.  
Moleza não quer amparo,  
Moleza quer pensar somente em si;  
Moleza não quer aborrecimento,  
Moleza não quer mudança,  
Moleza não quer qualquer esperança,  
Moleza não quer renovar,  
Moleza só estima a si própria.  
Moleza não quer cooperação,  
Moleza não quer tomar tempo,  
Moleza não quer ajudar ninguém.  
Peçamos nós ao Senhor  
Que nos evite cair  
Nessa doença que prejudica.  
Ergamos a nossa voz  
Fortalecidos na fé,

Porque em todo nível  
Moleza que em nós se encosta,  
Dá-nos sempre a resposta:  
- Não faço, não é possível.

## MISERICÓRDIA E FÉ

**Jair Presente**

José da Silva Machado  
Tinha um filho, o Vicentinho,  
Que se mantinha empregado  
No lojista Souza Pinho.

Embora aos doze de idade,  
Corria em todos os lados;  
Era chamado na firma  
O menino dos recados.

Um dia, lavando vidros,  
Viu, perto, uma ratazana,  
Com o susto ficou tremendo...  
Quebrou seis pratos de porcelana.

Souza Pinho enfurecido,  
Vendo os cacos sem proveito,  
Agarrou o rapazinho  
E deu-lhe um soco no peito.

Levado a casa paterna,  
A mãezinha Lina Lia,  
Verificou assustada  
O sangue que lhe vertia.

O pai foi chamado às pressas,  
Levou o filho ao hospital;  
Disse o médico após o exame:  
- Nosso pequeno está mal...

Passadas duas semanas  
De esperança e desconforto,  
Perante os pais desolados,  
Vicentinho estava morto...

Souza Pinho a desculpar-se  
Falou com grande desvelo,  
Machado, porém no quarto  
Recusou-se a recebê-lo.

Ao sair clamou: - Esse Pinho  
É uma cobra e vou matá-la,  
Ninguém queira me mudar,  
Para isso tenho a sala.

Falou em processo e contenda,  
- Essa cobra vou picá-la...  
A esposa apenas responde:  
- Não sei o que você fala..

- E sente meu caro Zé,  
Pondere os conselhos meus...  
Nossos filhos não são nossos,  
Nossos filhos são de Deus.

- E ouça querido: A morte,  
Acentuou a mulher,  
A morte devolve a Deus,  
Aquele que Deus quiser!...

- Não pense em processo ou crime...  
Deus sabe o nosso pesar...  
Tudo passa neste mundo,  
Nossa dor há de passar!...

Dois anos após, veio um moço  
Que abraçou Machado e Lina  
E disse-lhes: - Meus amigos,  
Vim dizer-lhes simplesmente:

- Eis a grande novidade,  
Souza Pinho, o meu patrão,  
Faleceu hoje de angina...

## PERDÃO E VIDA

**Jair Presente**

Oscar e Gil, dois irmãos,  
Falavam sem alvoroço,  
Em fraterno entendimento,  
Trinchando peixe no almoço.

Oscar era sitiante,  
Dono de muito dinheiro,  
Gil, porém, era homem pobre,  
Presença de companheiro.

Entre os dois faltava alguém,  
A fim de se completar  
Um nobre trio de irmãos,  
Nascido no mesmo lar.

Esse alguém era um rapaz,  
De nome Paulo Antonino  
Que não amava os irmãos,  
Disfarçado em vagolino.

Ao café, Oscar deu notícia,  
Depois clamou muito sério:  
- Essa guerra do Oriente  
Tem cheiro de cemitério.

Depois disse Gil:  
- Creio que somos irmãos  
Que não se lembram na vida  
Da bondade e do perdão.

- O conflito em andamento  
Não é tão simples assim,  
Toca a todos os que pensam,  
Tanto a você quanto a mim.

Em seguida perguntou  
Por notícias de Antonino,  
Muito embora acreditasse  
Que ele andava sem destino.

Gil saiu-se do problema,  
A explicar que pela idade  
Transformara-se em pastor  
De paz e de caridade.

Oscar sorriu com desprezo  
E aclarou: - Não acredito nisto,  
Não concebo um marginal  
Comentando Jesus Cristo.

E prosseguiu: - Felizmente  
Não lhe ouço a própria voz;  
Deus conserve o nosso irmão  
Sempre mais longe de nós.

- E você deve saber, vou processá-lo,  
Isso será muito em breve;  
Com justiça pagará,  
Mais de cem mil que me deve.

Gil mostrava-se agitado,  
Ante as palavras candentes  
E comentou: - os guerreiros e os falsários  
Deus no-los deu por doentes.

- Se estou te ouvindo correto,  
Notei, você, meu irmão,  
Recordando a tolerância  
Por terra de elevação.

- Eu expressava-se Oscar,  
Se o visse em má vida que enleia,  
Rogaria da polícia,  
Resguardá-lo na cadeia.

Gil fez-se mais humilde  
E falou: - O que me arrasa  
É saber que toda guerra  
Começa dentro de casa

## PARABÉNS AUGUSTO

**Jair Presente**

Do Pará quero a grandeza.  
Do Ceará a alma linda.  
De Minas Gerais desejo o ouro.  
Do Paraná o pinheiro.  
De Goiás quero o amor puro.  
De Mato Grosso o futuro.  
De São Paulo quero Pinda.  
E posso dizer sem susto,  
De amigos prefiro o Augusto.

## REENCARNAÇÃO E VIDA

**Jair Presente**

Paulo Neto amava a jovem  
Lenita, filha de Nestor,  
Uma estrela que esbanjava  
Luz e paz, na vida em flor.

Falavam todos os dias  
Sobre o celeste momento  
Em que chegassem a ter  
O noivado e o casamento.

Paulo, porém a serviço  
Foi ao sítio da Cancela,  
Vu a menina Carlota,  
E apaixonou-se por ela.

Buscou Lenita e lhe disse  
Que achara muito serviço,  
Não podia mais encontrá-la  
Para qualquer compromisso.

A mocinha apavorada,  
Mostrava o maior espanto,  
Articulava duros gestos,  
E gritava banhada em pranto.

Chamava Paulo “traidor”  
E a Carlota moça “imunda”.  
Tinha Lenita na face,  
Uma revolta profunda.

Paulo Neto desculpou-a  
Definindo-a por doente,  
E mais unido a Carlota,  
Casou-se seguindo em frente.

Depois de um ano o casal  
Viajando em carro forte,  
Batendo numa carreta,  
Os dois acharam a morte.

Houve mudança em Lenita  
Dizendo na provação  
Que qualquer morto no mundo  
Pede consolo e perdão.

Depois, dez anos passados,  
Lenita encontrou Tenório,  
Distinto negociante  
E dono de grande empório.

Aproximaram-se os dois,  
Mais além da cortesia,  
Trabalhando se casaram  
Sem festa e sem fantasia.

Decorridos nove meses  
Que a matéria determina,  
Lenita ganhou dois gêmeos,  
Um menino e outro menina.

Vimo-la aos beijos de mãe  
Renovada e enternecida,  
Dizendo às crianças que Deus  
É o autor da nossa vida.

Abraçada aos dois pimpolhos  
Falava em ternos carinhos:  
- Agora é que sou feliz,  
Meus filhinhos, meus filhinhos!...

Um amigo espiritual,  
Ante a fé que não se esgota,  
Disse: - Estamos vendo de volta,

O Paulo Neto e a Carlota!...

E acentuou: - meus amigos,  
Bendita é a reencarnação,  
A lei que nos guia e nos eleva,  
Aos cimos da evolução!...

## **DIRETRIZ**

**Jair Presente**

Quem segue para Jesus  
Vive na escola do bem,  
Prestando serviços aos outros,  
Sem fazer mal a ninguém.